

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I DO CURSO DE SOCIOLOGIA: UMA OBSERVAÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO DENTRO DA ESCOLA NO ENSINO MÉDIO

Manuela Aparecida Rodrigues Ribeiro¹
Jussara Natália Moreira Bellens De Melo²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar as desigualdades de gênero presentes no ambiente escolar. A experiência foi adquirida durante o sexto período do curso de Licenciatura em Sociologia, por meio da disciplina Estágio Supervisionado I, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O estágio ocorreu em uma escola situada na cidade de Esperança, PB. Reconhecendo a escola como um espaço de diversidade, mas também de desigualdades, levantou-se a questão: quais formas de desigualdade de gênero são perceptíveis nesse contexto? Assim, o estudo busca evidenciar essas desigualdades no ambiente escolar a partir da vivência obtida no estágio. Foram analisadas as relações entre os gêneros feminino e masculino no cotidiano escolar e nas aulas de sociologia, com o propósito de compreender como essas desigualdades se manifestam. Para fundamentar o trabalho, foram utilizadas referências como Geertz (1989), Mattos (2001), Scott (1995) e Bourdieu (2002). A pesquisa é qualitativa e adotou uma aproximação etnográfica por meio da observação direta, registrando os dados em diário de campo, a fim de obter uma análise aprofundada dos fenômenos observados. Conclui-se que a experiência do estágio evidenciou o machismo estrutural presente na sociedade, refletido no controle sobre o corpo feminino e na cultura do cuidado, que se manifestam nas atitudes e interações entre os estudantes.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado I, Sociologia, Desigualdades De Gênero, Escola.

INTRODUÇÃO

A escola enquanto instituição social é reflexo das desigualdades que estão presentes na sociedade (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997). A desigualdade de gênero é vista na escola de maneira ampla, pelas interações, relações sociais, comportamentos entre outras formas. Destaca-se que as desigualdades de gênero, parte da divisão de gênero da própria sociedade, da qual coloca os gêneros feminino e masculino em oposição, formando uma hierarquia, do qual as mulheres são mais ligadas a domesticidade, ao cuidado dos filhos e do lar, e os homens relacionados à vida pública, com a ocupação de cargos de poder e trabalho fora de casa (Tiburi, 2018).

Todavia, esse fato não significa que as mulheres não possam ocupar cargos públicos. Mas mostra que elas sentem mais dificuldade, já que o sistema social associou e sociabilizou seus corpos para o ambiente privado. Bourdieu (2020) afirma que há uma

¹ Graduanda do curso de licenciatura em sociologia; Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, manuela.ribeiro@aluno.uepb.edu.br

² Professora Dr^a Jussara Natália Moreira Bellens De Melo ; Departamento de ciências sociais; Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, sarademelo68@gmail.com



Baseei-me na concepção de gênero enquanto categoria de análise, conforme discutido por Joan Scott (1990), para quem 'gênero é uma construção cultural, social e histórica' (Scott, 1990). A partir dessa compreensão, no estágio I do curso de licenciatura em Sociologia, busquei observar as desigualdades de gênero expressas no contexto escolar. Entendendo que a Sociologia pode e deve atuar tanto no combate às desigualdades quanto na análise das construções humanas, conflitos e disputas (Paraíba, 2020). Dessa maneira, esse trabalho objetiva mostrar as desigualdades de gênero no ambiente escolar, a partir da experiência no Estágio Supervisionado I do curso de licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual Da Paraíba (UEPB).



METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa se desenvolveu com abordagem qualitativa e etnográfica. Segundo Mattos (2001):

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio internacionais.(p.50)

A partir da compreensão apresentada pela autora mencionada, compreendi que a etnografia, enquanto abordagem de investigação, me possibilitou entender as interações entre os sujeitos e as relações sociais presentes no ambiente escolar. Como aporte metodológico, também utilizei a pesquisa exploratória, pois “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41). A pesquisa bibliográfica também foi uma etapa importante deste trabalho. Utilizei fontes como Geertz (1989), Mattos (2001), Bourdieu (2020), Tiburi (2018), Scott (1990), entre outros autores. Do mesmo modo, consultei documentos educacionais como a *Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba* (2020) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual* (1997). Para a coleta de dados, utilizei como instrumento a observação direta, por meio da qual observei, durante um período de tempo, a escola e as relações entre os gêneros, bem como as desigualdades expressas naquela unidade educacional. Para isso, realizei uma descrição densa, já que essa é uma característica essencial da etnografia. Como destaca Mattos (2001):

A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem; esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente. O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. (p.54)

Nesse sentido, busquei realizar uma descrição da localização da escola, das dinâmicas, comportamentos, interações e relações sociais entre os sujeitos. Questionar e rever meu papel enquanto etnógrafa também fez parte dessa pesquisa. Como etnógrafa, passei por esse processo de aprender a sentir o campo. A observação exigiu de mim sensibilidade e compromisso, tirando os fatos da naturalidade e exigindo um senso questionador (Geertz, 2001).



UMA ETNOGRAFIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO? ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E O PAPEL DO ETNÓGRAFA ESTÁGIÁRIA

Desenvolvida no século XIX, a etnografia busca uma observação mais ampla dos modos de vida das pessoas e da cultura. A realidade mais simples torna-se interessante. Os atores sociais são entendidos como parte das estruturas sociais, como também modificam e dinamizam essas estruturas. Conforme destaca o autor no trecho abaixo:

Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (Mattos, 2011, p. 53)

Assim, essa abordagem possibilita uma compreensão das interações entre os sujeitos quanto às relações sociais. O simbólico é muito importante para esse tipo de abordagem, partindo da idéia que a etnografia é a escrita do que se vê, do que se sente e do que se ouve. A descrição da etnografia também depende do etnógrafo, que deve ter postura diante do campo. A observação tem que ser guiada por uma sensibilidade ao outro e aquela realidade. Geertz (1998) aborda sobre o que o etnógrafo enfrenta:

(...) Está seguindo as rotinas mais automatizadas de coleta de dados- é uma multiplicidade de estruturas conceituais, complexas, muito dela sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e explícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (p.20)

Dessa maneira, a observação feita com sensibilidade e imaginação científica acerca da realidade é importante para que essas estruturas sejam interpretadas com densidade científica. Usando uma teoria crítica de análise, procurando significados nas relações em seus diferentes aspectos e dando ênfase no significado local da ação, sempre evidenciando as narrativas dos sujeitos sociais. A etnógrafa deve ter um senso questionador, tirar os fatos da naturalidade e observar de maneira crítica o campo e o contexto social onde a etnografia está acontecendo.

Portanto, a etnógrafa deve adquirir postura diante do campo. Como afirma Geertz (1998) ao longo de sua obra, a pesquisadora deve buscar a compreensão de diferentes contextos. A pesquisa não seria só o rigor científico ou aprender conceitos; deve-se ter um olhar amplo sobre a realidade, tentando não fazer julgamentos prévios com base no seu “eu” construído socialmente, mas dando valor e importância a todos os



gestos, significados, interações e contextos que importam e fazem parte do “outro”.Do mesmo modo que a pesquisadora (etnógrafa) busca aprender e entender o campo do qual se insere. Assim, baseada na abordagem etnográfica nas observações de estágio supervisionado, ao entrar na escola ou em uma sala de aula, devo buscar aprendizado e entendimento sobre aquela realidade (Carniel e Thomaz, 2021).

Assim, a prática do estágio docente é mais do que me colocar no lugar de uma professora ou de um professor e aprender a docência. É uma formação subjetiva e humana, que exige estranhamento e desnaturalização (Carniel e Thomaz, 2021, p. 116): “(...) é preciso permitir-se ser afetado pelas experiências de estar na escola, em sala de aula, em relação a outros corpos e a tudo aquilo que envolve a prática pedagógica.”Ao buscar ser afetada pelas experiências, a etnografia enquanto abordagem contribuiu para que eu, como estudante em formação docente, compreendesse melhor o cotidiano escolar e passasse a notar coisas que antes sequer eram vistas, como também revisasse minha atuação enquanto futura docente.

Desse modo, ao entrar na escola como estagiária³, mas também como etnógrafa, aquele ambiente passou a ser visto por mim de maneira mais crítica e desnaturalizada. Passou a ser um lugar que tem relações e interações, que formam seres humanos, mas também que forma e transforma os futuros profissionais da educação (Carniel e Thomaz, 2021).

Dessa maneira, o estágio é esse momento de formação docente, de desenvolvimento de um ethos profissional, marcado por sentimentos, inseguranças e medos. A interação entre estudantes e estagiários, e toda experiência que obtive, observei e senti no ambiente escolar, colaborou para que esse novo papel social (o de docente) fosse assimilado (Carniel e Thomaz, 2021).Nesse sentido, o estágio relacionado à abordagem etnográfica permitiu que eu tivesse a formação de um senso crítico e um olhar ampliado sobre a educação, escola, alunas, alunos, professoras, professores e outros. Com reflexão e questionamentos sobre as vivências, experiências, relações e principalmente, sobre as desigualdades. Como também sobre o que pode vir a ser a docência.Desse modo, interpretei as observações realizadas no ambiente escolar, analisando como as desigualdades de gênero são reproduzidas.

³ O texto está redigido em primeira pessoa do singular, como trata-se de uma etnografia, busco marcar minha presença na escrita, como também minhas reflexões.



AMBIENTE ESCOLAR E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO

A escola é uma das instituições sociais que guia suas práticas, ações e comportamentos de acordo com contextos culturais, políticos e econômicos. O corpo é pedagogizado dentro e fora da escola (Foucault, 1987). As instituições escolares estabelecem regras e normas que guiam os comportamentos e condutas dos alunos. Nesse sentido, entendemos que o ambiente escolar não é um ambiente neutro, e que sua organização enquanto instituição refere a valores e normas sociais e culturais.

É com esse contexto, que entendemos a escola como lugar de desigualdade de gênero. Conforme aponta o sociólogo Bourdieu (2020)

Por fim, a Escola, mesmo quando já liberta da tutela da igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação de homem/ mulher e a relação de adulto/ criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas.(p. 141)

Desse modo, o autor mostra que na escola há ideologias predominantes, como o próprio machismo e patriarcado que atua nas relações e interações, como também, na representação social e cultural dos sujeitos que ali estão. Essa forma desigual presente na instituição faz parte do processo de socialização pelo gênero, classificando as coisas como de menino ou de menina. Como mostra a autora a seguir:

Os corpos dos sujeitos tornou-se mais do que uma representação biológica é também um campo no qual a moral se afixa e atua na produção de subjetividades, qualquer prática que rompa com os padrões sociais é vista como anormal, sob o viés de julgamentos, controle, censuras e condenações. Por isso, muitos pais já pré-determinam a diferenciação atribuídas às cores culturalmente designadas a masculinidade e a feminilidade, se a criança for do sexo masculino os brinquedos, roupas e acessórios deve ser azul, caso seja menina, tende a ser da cor rosa(Silva, 2016, p.7).

Assim, a subjetividade dos sujeitos é guiada por “visões” e práticas machistas e patriarcais que atuam de maneira predominante na sociedade, gerando desigualdades expressivas. Essas estruturas hierárquicas desiguais podem ser visualizadas no ambiente escolar. Ou seja, dentro das escolas pode-se localizar comportamentos, atitudes, relações, interações que simbolizam e demonstram os papéis sociais que são postos aos homens e mulheres. Divisões machistas que são normalizadas, e atuam como se fosse uma construção natural da própria sociedade. Apresentamos a seguir alguns dos registros feitos no diário de campo durante as observações realizadas no estágio supervisionado.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizei o estágio em uma escola estadual e municipal⁴ localizada na cidade de Esperança-PB, com início em 23 de agosto e término em 20 de novembro de 2023. A escola está situada na rua Joviniano Sobreira, nº 125, e abarca o ensino fundamental e médio. Vivenciei essa experiência nos turnos da manhã e da noite, buscando chegar o mais próximo possível de uma etnografia. Observei as aulas de sociologia entre os dias 11/10 e 17/11, nos turnos da manhã e da noite. Acompanhei as turmas da 3ª série A, 3ª série B, 2ª série A, 2ª série B e 2ª série C. Os conteúdos observados foram referentes ao 4º bimestre.

Durante os dias em que fiz as observações, tentei adentrar totalmente em campo para ter uma experiência e observação ampla. Questionei não só as práticas escolares, mas também a forma como eu me sentia e como interpreto os fatos. No primeiro momento, permiti aguçar meus sentidos, tocar nas paredes, sentir o cheiro da escola (que me lembrava o cheiro de hospital). Busquei ouvir os sussurros, as risadas, os assuntos, as fofocas e o silêncio. O silêncio daquela funcionária de cabelos vermelhos que me olhou com uma expressão mal-humorada... Estou sendo bem-vinda? Não gostam da minha presença? Têm medo do que eu possa ver? São questionamentos que faço. A etnografia fala acerca dessa sensibilidade que o etnógrafo deve ter, como aponta Geertz:

Está seguindo as rotinas mais automatizadas de coleta de dados é uma multiplicidade de estruturas conceptuais, complexas, muito dela sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e explícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (Geertz, p.20)

A etnógrafa passou por esse processo de aprender a sentir o campo, a observação requeria ser realizada com sensibilidade e compromisso, tirando os fatos da naturalidade e tendo um senso questionador. Portanto, nessa fase busquei aprimorar meus sentidos e sensibilidades.

A escola onde realizei as observações do estágio é um ambiente grande, limpo, mas pouco arejado. As salas de aula são abafadas, e no pátio não há muitas mesas nem lugares para os estudantes se sentarem. Nas salas há avisos contra a homofobia ou

⁴ O nome da escola não será exposto por cumprimento do que é posto no termo de estágio.



preconceito com pessoas deficientes. Ao ler esses avisos, indaguei-me se, na prática, os corpos dissidentes eram respeitados e se se sentiam parte do cotidiano escolar.

Em relação a questões de higiene e saúde feminina, como a distribuição de absorventes, não observei essa prática no banheiro feminino. Há problemas na estrutura, como muitos ventiladores quebrados e falta de livros didáticos para todos os alunos. De acordo com as aulas, os alunos pegam os livros na biblioteca e depois os devolvem. Notei a falta de ambientes de descontração, apesar da criação de uma praça literária, que se tornou uma boa iniciativa para aqueles que gostam de ler. Nesses meses, também pude observar a carência de eventos culturais que trabalhem a diversidade dentro da escola.

Com essa mera descrição do ambiente e de algumas das problemáticas observadas, parti para a reflexão de que a escola não é apenas essa estrutura física descrita ou sua localização. A escola também é feita das relações sociais, das interações entre os grupos, dos conflitos, do que não é dito, do que não é visto. Assim, direcionei meu olhar para observar a vivência entre alunas e alunos nas diversidades de gênero, sexualidades, raça, entre outras. Pois a diversidade constitui um elemento fundamental no processo escolar, cujas diferenças podem ser invisibilizadas nesse contexto de formação cidadã e aquisição de conhecimento. Na experiência de estágio, considerei esses aspectos que fazem total diferença ao observar o ambiente escolar. Concedi, assim, o estágio também como prática reflexiva, questionadora e desnaturalizada (Carniel e Thomaz, 2021).

Buscando uma observação profunda e crítica da realidade, me debrucei a entender as desigualdades de gênero no espaço escolar. No acompanhamento que fiz das aulas de sociologia, é notável essa desigualdade de gênero. Na organização da sala do 3º ano A, turno manhã, durante as aulas de sociologia, foi perceptível a divisão entre grupos de meninas e meninos. A maioria das meninas senta juntas e interage entre si. Dificilmente se vê meninos nesses grupos, daí já é possível entender essa pouca interação e integração entre meninos e meninas. Essa mesma questão observei na sala do 2º ano B, onde as meninas sempre estavam separadas dos meninos.

As desigualdades também se expressam durante o turno noturno. Com as observações, notei que há muitas estudantes mães que levam seus filhos para a escola.



Algumas saem das aulas para ir atrás das crianças que brincam nos corredores do colégio, interrompendo seu processo de aprendizagem. Nesses casos, nota-se o papel social de mãe. Sabe-se que as mulheres são vinculadas ao ambiente doméstico, ao cuidado dos filhos e da casa, e os homens ao ambiente público. Essa divisão se manifesta quando as alunas/mães precisam levar as crianças para a escola, enquanto a instituição não oferece um berçário que permita às jovens estudantes mães estudar e participar da vida escolar.

Em contraste, não observei homens levando seus filhos para o ambiente escolar que frequentam como alunos. Desse modo, o que acontece dentro do ambiente escolar é o reflexo da cultura machista e da cultura do cuidado, à qual a mulher é sujeita aquela que é responsável por cuidar da casa e dos filhos, deixando outras prioridades da vida pública para depois. Scott (1995, p. 7) aborda a questão de gênero, fazendo uma análise histórica:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.

Assim sendo, não é biológica essa função que a mulher tem que cumprir socialmente. Mas é criada culturalmente de acordo com as diferenças sexuais. O fato de as mulheres terem que sair da sala de aula para cuidar das crianças atrapalha seus estudos e seu foco. Com isso, me questiono: “A escola está preparada para acolher jovens alunas que têm filhos?” Seria interessante repensar o lugar da mulher que é mãe dentro da instituição escolar e, assim, promover uma melhor inclusão e acessibilidade. Como no caso de um lugar para essas crianças ficarem brincando com alguém responsável, enquanto as mães estudam.

Quando observei os profissionais da instituição, notei diferenças de tratamento dos alunos em relação às professoras, que, para terem respeito, precisam demonstrar maior rigidez. Assim como, no quadro de funcionários, na cozinha da escola é forte a figura da merendeira. As mulheres “veem ser-lhes atribuídas posições subalternas e ancilares, de assistência e cuidados — mulheres da limpeza, merendeiras, crecheiras



etc.” (Bourdieu, 2022, p. 151). Já o “vigia”, por exemplo, continua sendo o homem, aquele que exerce seu trabalho longe do ambiente doméstico.

Essas desigualdades também se reverberam quando, pela observação, notei o maior número de alunas que frequentam o ambiente escolar e a baixa quantidade de alunos do ensino médio que frequentam a escola, demonstrando a desigualdade entre homens e mulheres nessa etapa da educação. Por que não há tantos alunos na escola? A hipótese que levanto é que, no processo de socialização, há maior exigência, especialmente para os jovens das classes populares a partir dos 16 anos, para sua inserção no mercado de trabalho, o que os leva a se afastar da escola. Entendo, portanto, que:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende ratificar a dominação masculina sobre qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (Bourdieu, 2021, p. 24).

Nesse sentido, o sociólogo mostra que a forma como as instituições funcionam, as relações, interações e comportamentos que acontecem evidenciam um sistema de dominação masculina, que é expresso na divisão dos sexos feminino e masculino. Dessa forma, quando observei de maneira crítica a escola, entendi que ela é um lugar de desigualdades especialmente de desigualdade de gênero pelas funções, comportamentos, papéis sociais e relações que demonstram a relação desigual entre homens e mulheres.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, essa experiência de Estágio Supervisionado I, foi além de uma mera observação das aulas de sociologia e da escola. Ela se constituiu como observação participante e crítica acerca da realidade escolar e do que acontece na sala de aula, principalmente das relações entre os gêneros feminino e masculino. Com isso, entendi a importância do engajamento e a seriedade do docente, uma profissão que não é fácil, que exige paciência, respeito e amor pelo o que faz e pela educação.

O estágio me levou a revisar métodos e atitudes, além de buscar sempre ser melhor. A refletir em como ser uma professora mais engajada e ativa no processo educacional, mas também proporciona uma visão abrangente do ambiente escolar, revelando que ali existem diversos problemas. Portanto, a desigualdade de gênero está presente na educação, e na escola. Podendo ser vista em conversas, comportamentos, atitudes, profissões que atuam dentro da instituição. Dessa forma, a desigualdade de gênero presente na instituição escolar evidencia o machismo estrutural da sociedade sobre o corpo feminino e a cultura machista e do cuidado, refletida nas ações e interações entre aqueles que fazem parte da escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Congresso Nacional de Educação (CONEDU) pela oportunidade de estarmos compartilhando nossa pesquisa. Como também, a Universidade Estadual Da Paraíba (UEPB), ao Curso de Licenciatura em Sociologia, e a coordenação de estágio, como também a professora supervisora do estágio supervisionado I.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.p.19-27

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio De Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003.

CARNIEL, Fagner. THOMAZ, Daniara. **Quando o campo é o estágio: etnografia e formação docente**. Campos, Revista de antropologia v.22, n.2, jul.dez.2021 p. 115-131.Disponível: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/72968>

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In:Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa. Rio de Janeiro: LTC, 1998. P. 13-41.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**: Integração entre Análise Quantitativa e Qualitativa 8. ed. Rio de Janeiro: Record, p.60-63, 2004.

MATTOS, C.L.G. CASTRO, P.A. de. (Org.) **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.p 49-83.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba: Ensino Médio**. João Pessoa: SEECT-PB, 2020, p. 423-427. Disponível em:<https://paraiba.pb.gov.br/arquivos/pdfs/PropostaCurricularDoEnsinoMdiodaParabaPCEMPB23.pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2025.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 15 mar, 2025.

SILVA, Telma Faustino da. **A (des)construção das desigualdades de gênero no ambiente escolar**. 2016. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Arapiraca, Arapiraca, 2016. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/1261>. Acesso em: 04 out. 2025.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

